

BENVENISTE E A TRADUÇÃO: UM FENÔMENO DE LINGUAGEM¹

Sara Luiza Hoff²

Resumo

A tradução não era um tema abordado com frequência pelo linguista Émile Benveniste. Por meio de uma revisão bibliográfica, este trabalho objetiva questionar essa percepção, examinando a presença da tradução na teoria benvenistiana e refletindo acerca das instâncias em que ela é teorizada por esse linguista, incluindo a nota manuscrita *La traduction, la langue et l'intelligence*, publicada em 2016. Considera-se, também, a presença do fenômeno tradutório nas análises linguísticas de Benveniste, destacando a sua função operacional. A reflexão acerca do lugar da tradução na teoria benvenistiana e a análise das instâncias em que ela é teorizada permitem identificar três modos distintos como Benveniste se refere ao fenômeno tradutório: a perspectiva enunciativa, a perspectiva dos estudos comparados e o ponto de vista da nota manuscrita. A relação entre a linguagem e a realidade extralinguística é identificada como o elemento comum entre essas abordagens, o que leva à percepção da tradução como um fenômeno de linguagem que demonstra a diversidade antropológica, linguística, social e cultural do mundo.

Palavras-chave: Émile Benveniste. Teoria da linguagem. Tradução. Relação entre linguagem e realidade. Dupla significância.

Abstract

Linguist Émile Benveniste did not address the subject of translation frequently. Through a bibliographical review, this study aims to question this perception, examining the presence of translation in Benveniste's theory and reflecting on the instances in which it is theorized by this linguist, including the handwritten note *La traduction, la langue et l'intelligence*, published in 2016. The presence of the translation phenomenon in Benveniste's linguistic analyses is also considered, highlighting its operational function. The reflection about the place of translation in Benveniste's theory and the analysis of the instances in which it is theorized allows identifying three distinct ways the linguist refers to the translation phenomenon: the enunciative perspective, the perspective of the comparative studies, and the point of view of the handwritten note. The relationship between language and extralinguistic reality is identified as the common element between these approaches, leading to the perception of translation as a phenomenon of language that demonstrates the anthropological, linguistic, social, and cultural diversity of the world.

Keywords: Émile Benveniste. Theory of language. Translation. Relationship between language and reality. Double significance.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda e Mestre em Letras – Estudos da linguagem, com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. saraluizahoff@gmail.com

1. Introdução

Ao pensar a tradução sob o ponto de vista da Linguística, o nome de Émile Benveniste dificilmente é lembrado. Apesar de o linguista sírio-francês tratar de diversos assuntos, a tradução não é um tema abordado com muita frequência em sua obra.

Isso, no entanto, não impediu o desenvolvimento de reflexões acerca do fenômeno tradutório baseadas na perspectiva enunciativa benvenistiana, como atestam os trabalhos de Nunes (2011a; 2011b; 2012), Rosário (2012), Rosário e Reuillard (2014) e Hainzenreder (2016), entre outros. Tal interesse é justificado: os conceitos propostos por Benveniste, tanto especificamente em relação à tradução quanto a outros fenômenos linguísticos e/ou à língua e à linguagem são, como coloca Nunes (2011a, p. 55), “[...] extremamente produtivos para se pensar a prática tradutória”. Destaca-se, nesse contexto, a noção de subjetividade na linguagem, que deixa evidente a impossibilidade de uma tradução objetiva.

Em relação aos trabalhos citados acima, é importante notar que eles precedem a publicação de uma importante nota manuscrita de Benveniste, publicada em 2016, intitulada *La traduction, la langue et l'intelligence*. Como o título indica, trata-se de uma reflexão em que a tradução aparece com destaque, cujo alcance, devido à publicação recente, ainda não foi determinado.

Nesse contexto, este trabalho busca continuar e ampliar a reflexão acerca da tradução do ponto de vista da linguística benvenistiana, apresentando uma revisão das principais instâncias em que o fenômeno tradutório se faz presente e considerando o modo com ele aparece e é teorizado na teoria benvenistiana. A partir disso, torna-se possível identificar, como demonstrado na seção 3, diferentes pontos de vista de Benveniste em relação à tradução, ligados por um aspecto em comum: a relação entre a língua/linguagem e a realidade, o que evidencia que a tradução é mais do que uma mera atividade entre línguas, mas um verdadeiro fenômeno de linguagem³.

2. A tradução na teoria benvenistiana

A menção mais ilustre de Benveniste à tradução é um dos últimos parágrafos do texto “A forma e o sentido na linguagem”, em que o linguista apresenta a sua proposta de concepção da língua como tendo dois domínios: o semiótico e o semântico. O primeiro tem como unidade os signos, que se relacionam entre si, no interior da língua. Sua existência é determinada pelos falantes da língua, que definem se eles têm sentido ou não. A principal questão, nesse domínio, não é *o que* uma dada unidade significa, mas *se* ela significa. O outro domínio, por sua vez, é o semântico, que corresponde à “[...] língua em emprego e em ação” (BENVENISTE, 2006, p. 229). A unidade desse domínio são as palavras, arranjadas em frases, que permitem que os seres humanos se comuniquem e, principalmente, existam no mundo, já que, segundo Benveniste (2006, p. 222, grifo do autor), “[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*”.

³ Este trabalho apresenta um recorte de considerações da dissertação da autora, intitulada *A nota “La traduction, la langue et l'intelligence”: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste* (HOFF, 2018).

É após fornecer uma explicação detalhada dessa proposta de duas formas de a língua ser língua que Benveniste discute a questão da tradução. Para isso, ele principia mencionando a possibilidade de expressar um mesmo “conteúdo” em línguas diferentes: “[...] o fato de que se pode ‘dizer a mesma coisa’ numa como noutra categoria de idiomas é a prova, por sua vez, da independência relativa do pensamento e ao mesmo tempo de sua modelagem estreita na estrutura linguística” (BENVENISTE, 2006, p. 233). Benveniste, portanto, baseia o seu raciocínio em um fato empírico: a possibilidade de expressar uma “mesma coisa” em dois ou mais idiomas diferentes.

Após essa constatação, Benveniste (2006, p. 233) afirma que

[a] reflexão sobre este fato notável parece clarear a articulação teórica que nós nos esforçamos por estabelecer. Pode-se transpor o semantismo de uma língua para a outra, “salva veritate”; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e o semântico.

Observa-se, portanto, que a tradução é utilizada, nesse texto, como modo de confirmar a proposta teórica apresentada previamente. Ela é o exemplo que demonstra tanto o caráter semiótico da língua, já que não é possível obter equivalências entre os signos de línguas diferentes, quanto a natureza semântica, posto que o que se traduz não são unidades isoladas, mas sim frases, discursos: a língua em uso. A tradução, portanto, coloca os dois domínios em evidência.

Até recentemente, pensava-se que a passagem acima era uma das únicas – senão a única – reflexão de Benveniste a respeito da prática tradutória. Os estudos que buscavam relacionar Benveniste e a tradução (por exemplo, NUNES, 2011a, 2011b, 2012; HAINZENREDER, 2016; ROSÁRIO, 2012; e ROSÁRIO; REUILLARD, 2014) se baseavam nessa perspectiva e/ou buscavam deslocar outros preceitos teóricos de Benveniste – nomeadamente aqueles relacionados à enunciação – para o pensamento acerca do fenômeno tradutório.

Em 2016, todavia, há uma mudança nesse cenário, com a publicação do livro *Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture*, organizado por Irène Fenoglio. Nele, consta uma nota manuscrita inédita – apresentada como fac-símile e transcrita – intitulada *La traduction, la langue et l’intelligence* [“A tradução, a língua e a inteligência”]⁴. Como é possível ver pelo título, a tradução ocupa um lugar de destaque nessa reflexão.

Não há muitas informações acerca dessa nota. Não se sabe o ano em que foi escrita ou com que propósito, salvo uma indicação, no manuscrito, de que ela se relacionaria a um congresso – não especificado – em Genebra. Com cinco páginas (uma delas contendo somente o título) essa nota é apresentada dividida em três partes.

A primeira apresenta uma reflexão em torno da relação de dependência entre linguagem e inteligência (que talvez possa ser equivalente ao pensamento). Para Benveniste (2016, p. 37, grifos do autor, tradução minha),

[...] a linguagem forma sem nenhuma dúvida a inteligência, mas a inteligência emerge da linguagem, se serve dela, a domina, a modela, no interior – sejamos claros – da estrutura que a linguagem impõe a ela.

⁴ Neste trabalho, refiro-me a essa nota, por vezes, como “nota sobre tradução”.

Portanto, a inteligência pode “querer dizer” algo que é, de algum modo, exterior à linguagem e que a língua compõe com o auxílio de palavras que têm a sua significação própria, e cujo arranjo produz aquilo que a inteligência “quer dizer”⁵.

Tal característica da linguagem, ainda segundo Benveniste (2016), aponta tanto para a possibilidade de tradução, através da compreensão e retransmissão da mensagem expressa pela inteligência, quanto para a existência de dois sentidos: “[...] um é aquele das palavras, por fórmulas que sumarizam seus empregos – o outro, aquele da inteligência e do que ela ‘quer dizer’⁶” (BENVENISTE, 2016, p. 38, tradução minha). Tal constatação, porém, não é aprofundada e encerra a primeira parte da nota.

Na seção seguinte, por sua vez, consta a discussão acerca do caráter duplo da linguagem, que “[...] se desenvolve sempre na junção da natureza e da cultura” (BENVENISTE, 2016, p. 28, grifos do autor, tradução minha). Para Benveniste, a linguagem é formada por uma base biológica, que fornece os elementos sonoros, sobre os quais a cultura age, dando uma forma específica ao material da natureza.

É interessante notar que, nesse trecho da nota, não há menção direta à tradução: a discussão – breve, de uma página – se centra somente nessa característica dupla da linguagem.

Por fim, a terceira parte da nota debate a relação entre a linguagem e a realidade. Benveniste (2016, p. 38, grifos do autor, tradução minha) abre essa reflexão afirmando que “[o] que traduzimos é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação”⁷. Em seguida, o linguista apresenta o exemplo da tradução do termo grego ἔντομα [éntoma] para o latim *insecta*, afirmando que, ao imitar o modelo grego, cria-se, em latim, “[...] a mesma relação entre o signo e a coisa” (BENVENISTE, 2016, p. 39, grifos do autor, tradução minha).

A análise desse exemplo permite que Benveniste (2016, p. 39, tradução minha) conclua que

[t]raduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos¹⁰.

⁵ No original: “[...] le langage forme sans aucun doute l’intelligence, mais l’intelligence se dégage du langage, s’en sert, le domine, le modèle, à l’intérieur – disons-le clairement – de la structure que le langage lui impose. Par conséquent l’intelligence peut ‘vouloir dire’ quelque chose qui est en quelque mesure extérieur au langage et que la langue compose à l’aide de mots qui ont leur signification propre, et dont l’assemblage produit ce que l’intelligence ‘veut dire’”.

⁶ No original: “Il y a deux ‘sens’ (ou significations) : l’une est celle des mots, par formules résumant leurs emplois – l’autre celle de l’intelligence et de ce qu’elle ‘veut dire’”.

⁷ No original: “Le langage a ceci de particulier, d’irréremédiablement particulier et qui crée sa difficulté spécifique à l’endroit de toute théorie unitaire ; il se développe toujours à la jonction de la nature et de la culture”.

⁸ No original: “Ce qu’on traduit est le rapport du signe à la réalité, c’est-à-dire la valeur de désignation”.

⁹ No original: “Le résultat est qu’on a en latin désigné les petits êtres en question comme « insectes, divisés en segments », en créant ou en utilisant le même rapport entre le signe et la chose”.

¹⁰ No original: “Traduire c’est instituer, entre sa propre langue et le monde, le même rapport que dans la langue source, soit par des équivalences littérales entre signes, s’ils peuvent composer le même ‘sens’, soit par des équivalences globales obtenues au moyen de relations tout autres, que ne sont plus entre signes”.

Novamente, é necessário notar que a discussão não é aprofundada além desse ponto. Não há maiores explicações do que, exatamente, diferencia os dois tipos de equivalências, nem exemplos que possam auxiliar a entender melhor quais seriam as equivalências globais.

No entanto, é possível entender que, para Benveniste, a tradução está intimamente ligada ao fato de que a língua se relaciona a uma dada realidade; ela não é usada isoladamente, mas sim em um determinado contexto. Como o próprio Benveniste (2016, p. 84) coloca em “O aparelho formal da língua”, “[...] a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo”. Ao traduzir, então, é necessário considerar o modo como o que se traduz se relaciona com a realidade, tanto na língua de partida quanto na língua de chegada.

Ainda considerando *La traduction, la langue et l'intelligence*, é importante notar que, apesar de a tradução aparecer com destaque na reflexão e até mesmo no título do manuscrito, é possível afirmar que o principal ponto condutor da reflexão, na verdade, é a linguagem, já que ela aparece em todas as partes que compõem a nota. A tradução, nesse caso, novamente é usada como uma evidência da teorização em torno de um assunto mais amplo, servindo para demonstrar as características da linguagem.

Para além dessas duas instâncias em que a tradução é colocada no centro da discussão pelo linguista, é essencial notar que, mesmo não sendo teorizado, o fenômeno tradutório é muito presente nas análises linguísticas de Benveniste, especialmente naquelas que pertencem ao ramo intitulado Linguística comparada. Observe-se, por exemplo, o seguinte trecho:

O que significa exatamente *carnufex*? O sentido literal é exatamente o definido por Don. Hec. (441): *carnifices dicti quod carnes ex homine faciant* [= “chamam-se *carnifices* porque imolam carnes de homem”]. Esse composto tem, no entanto, algo de singular, se se compara com *opi-fex, auri-fex, arti-fex* [= “aquele que faz uma obra, ourives, artífice”]. Dá a impressão de uma tradução. E é realmente como uma tradução que parece explicar-se: *carnu-fex* decalca exatamente o grego *κρεουργός* “açougueiro”, já em Ésquilo, *κρεουργὸν ἦμαρ* [= “dia de retalhadura”; donde, “dia de morte ou de crime ou de vingança ou de justiça”] (*Ag.*, 1592), cf. *κατακρεοργεῖν*, “retalhar” (*Her.*, VII, 181); *κρεουργδὸν διασπάσαντες τοὺς ἄνδρας*, “retalhando-os, membro a membro, como açougueiros” (*Her.*, III, 13). O latim transformou então em designação do “carrasco” o nome grego do “açougueiro”, o que é apesar de tudo uma espécie de eufemismo, reservando para “açougueiro” a palavra *macellarius*, derivado de *macellum* que, aliás, também vem do grego (BENVENISTE, 1995, p. 346-347, grifos do autor).

Percebe-se, então, que, para determinar o significado de uma unidade (“*carnufex*”) em latim, Benveniste não se limita a analisá-la dentro do próprio sistema a que pertence. Ele também a compara com outro idioma, o grego. Esse movimento permite que ele chegue a uma maior precisão semântica. A tradução, então, é utilizada para buscar a definição mais exata possível da unidade linguística sob análise.

É importante notar que esse não é um exemplo isolado. Benveniste constantemente se serve de traduções em seus exames da língua. Não poderia ser diferente, dada a vasta quantidade de idiomas que ele cita em seus textos. Para pegar um exemplo bastante expressivo, vê-se que em um único ensaio, “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, são mencionados o grego (antigo e moderno), um

idioma não identificado da Índia, o coreano, o gilyak, o yukaghir, o ket, o árabe, o semítico, o turco, o ugro-fínico, o húngaro, o georgiano, o caucásico do noroeste, o dravídico, o esquimó, o buruškaski, o lituano, o sânscrito, o inglês, o latim, o nahua, o chinuque, o francês, o russo, o papua, o malaio-polinésico, o tibetano, o mandchu, o tunguze, o mana, o siuslaw, o algonquino e o franco-provençal. Portanto, é a partir das línguas que Benveniste faz a sua linguística. Como nota Barthes (1987, p. 151, grifo do autor), Benveniste é “[...] um linguista das *línguas*, e não apenas um linguista da linguagem”.

O objetivo de Benveniste com suas análises é sempre a significação; o propósito maior é sempre a especificidade semântica. A tradução contribui para que esse objetivo seja atingido:

Deve observar-se, em primeiro lugar, que mesmo onde a tradução “estabelecer” é admissível, as condições do emprego mostram que “estabelecer” significa propriamente “estabelecer algo que subsistirá daí por diante, que está destinado a durar”: no grego, com *themellia*, “estabelecer os fundamentos”, com *bômon*, “erguer um altar” (BENVENISTE, 1995, p. 322, grifos do autor).

No entanto, chama a atenção o fato de que, apesar de buscar a significação, muitas vezes, nessas análises, Benveniste acaba recorrendo à designação. Por exemplo, no texto “Difusão de um termo de cultura: o latim *orarium*”, percebe-se que, ao avaliar o termo “*sūdārium*”, Benveniste (2006, p. 246-247, grifos do autor) apresenta alguns trechos bíblicos que, segundo ele “[...] desempenharam um papel decisivo na história lexical de *sudarium* [...]”, já que, com a narrativa bíblica, o termo, “[...] que designava em geral e também aqui um pano para enxugar o suor, tomou, pelo fato de ter sido mencionado nos preparativos funerários quando da Ressurreição, o sentido específico de ‘pano que envolve a cabeça *dos mortos*’, donde saiu o fr. *suaire*”.

Nota-se, portanto, que, para chegar ao sentido do termo, o linguista passa pela designação, mencionando o objeto do mundo a que a língua se refere. A tradução para o francês só aparece após a menção da designação e da significação. É possível entender, então, que, muitas vezes, ambos os aspectos são considerados conjuntamente para se chegar ao termo traduzido e, conseqüentemente, ao significado da unidade analisada.

Ao observar as análises que Benveniste faz de elementos linguísticos, percebe-se que a tradução não somente é um recurso frequente, mas também que ela desempenha uma função: ela é utilizada para evidenciar características da língua e comprovar hipóteses acerca da linguagem.

Nesse contexto, é importante assinalar que, como – mesmo quando envolve a designação – a tradução é um meio de demonstrar o sentido dos elementos linguísticos, a principal característica da língua que o fenômeno tradutório evidencia é a significância, que é definida por Benveniste (2006, p. 52) como a “[...] propriedade de significar [...]”. Trata-se da característica mais essencial da língua: “A significância da língua, ao contrário, é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura” (BENVENISTE, 2006, p. 60).

Por esse ângulo, é interessante mencionar que Flores (2017, p. 12, grifo do autor) entende que a significância é “o *operador* por excelência de Benveniste [...]”, caracterizando o operador como “[...] o mecanismo que contém um modo de funcionamento; [...] um instrumento que exerce um modo de pensamento”. Tal

posicionamento é semelhante ao de Dufour (2000, p. 34), que também apresenta o operador como um instrumento, “[...] o dispositivo que contém um processo de decisão”. O operador, portanto, é aquilo que age para que um determinado sistema de pensamento seja colocado em ação.

Nesse sentido, ao considerar as análises comparadas de Benveniste e o papel que a tradução desempenha nelas, é possível entender que ela atua como um operador, posto que age para demonstrar a significância. Desse modo, a tradução é, de certa forma, um operador do operador (a significância). Em outros termos, Benveniste usa a tradução para expor várias características e propriedades da(s) língua(s), evidenciando, principalmente, a maneira como a língua – e, conseqüentemente, a linguagem – significa.

A partir dessas observações, é possível desafiar a asserção de que a tradução não seria um assunto que interessava sobremaneira a Benveniste. Mesmo que ela não seja um tópico de reflexão com frequência, ela aparece de modo destacado em alguns contextos, sendo utilizada com vistas a exemplificar as propostas teóricas, além de estar presente nas análises linguísticas, dando a ver a significância, a principal propriedade da língua. Assim, percebe-se que a tradução tem um papel essencial na teoria benvenistiana.

3. Três pontos de vista sobre tradução

Com base no que foi exposto na seção anterior, torna-se possível categorizar o pensamento de Benveniste em relação à tradução em três categorias distintas, porém relacionadas.

A primeira diz respeito ao ponto de vista enunciativo e tem relação principalmente com o que é exposto em “A forma e o sentido na linguagem”. Nessa perspectiva, observa-se que existe tanto impossibilidade quanto possibilidade de tradução.

Como já visto acima, a possibilidade de tradução, nesse contexto, se relaciona à noção de semantismo, que implica que o que se traduz é uma determinada instância de apropriação da língua em discurso, ou seja, um dado ato enunciativo.

Desse ponto de vista, é imperativo destacar que, se a tradução se efetua sempre a partir da língua em uso, ela implica sempre o estabelecimento “[...] de uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 2016, p. 84). Não é, portanto, uma atividade somente linguística, já que envolve também um olhar para a realidade, para a situação criada no mundo a partir do ato enunciativo.

Por outro lado, a impossibilidade de tradução está ligada ao domínio semiótico da língua, apontando para a falta de equivalência entre sistemas linguísticos quando considerados fora do uso da língua.

Porém, parece haver também um outro aspecto de impossibilidade de tradução quando se considera o ponto de vista enunciativo: a própria reconstituição da cena enunciativa. Se o que se traduz é uma determinada instância de discurso, proferida por um dado locutor em um dado aqui e agora, torna-se impossível recompor exatamente a “mesma” situação na tradução, que frequentemente é feita por um outro locutor, em outro local, e necessariamente acontece em um momento posterior.

Portanto, é possível entender que, segundo a perspectiva enunciativa, possibilidade e impossibilidade de tradução coexistem. Por isso, embora seja uma

prática empírica, efetivamente realizável e realizada, a tradução não pode ser entendida como algo inteiramente transparente.

O segundo ponto de vista sobre a tradução segundo Benveniste é o de *La traduction, la langue et l'intelligence*, que, como demonstrado acima, tem algumas semelhanças com a perspectiva enunciativa, já que também admite a possibilidade de tradução, embora focalizando a interpretação e a comunicação da mensagem.

Além disso, a concepção de tradução da nota sobre tradução também enfatiza a necessidade de considerar a relação da língua com a realidade extralinguística ao traduzir, já que Benveniste entende que o que deve ser traduzido é o valor de designação.

Uma questão que parece surgir nessa perspectiva é se é unicamente “[...] a relação do signo com a realidade [...]”¹¹ (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor, tradução minha) que é objeto de tradução, ignorando-se as relações que se dão dentro da própria língua. Para respondê-la, torna-se importante considerar dois aspectos. O primeiro é a incompletude da reflexão apresentada na nota, que, até onde se sabe, jamais foi finalizada e apresentada/publicada. É necessário, portanto, entender as considerações que Benveniste faz nessa reflexão como não acabadas, mas sim como princípios de um pensamento ainda em desenvolvimento. Desse ponto de vista, não é possível afirmar categoricamente que é somente a designação que deve ser considerada ao traduzir.

Um segundo aspecto reforça essa linha de raciocínio: o uso do termo “valor” associado à designação, que parece remeter a Saussure e à noção de sistema. A língua, para Saussure (1970, p. 130), “[...] não pode ser senão um sistema de valores puros [...]”. Ou seja, ao falar em “valor de designação”, Benveniste pode estar evocando não somente a relação entre a língua e o mundo, mas também a ligação entre os elementos, que é determinante do valor. Nesse caso, não se consideraria somente a designação ao traduzir; a significação também se faria presente.

Além disso, é importante considerar que, ainda na nota sobre tradução, Benveniste fornece um outro indício da necessidade de levar em conta a significação na prática tradutória ao fornecer explicações sobre a tradução do termo grego para “inseto”. Ele afirma que “[...] aqui o problema é diferente: quando traduzimos ἔντομα [*éntoma*] por *insecta*, não traduzimos o verbo τέμνω [*témnō*] em todos os seus valores, nos limitamos a usar uma equivalência constatada entre τέμνω e *secō* para criar um signo simétrico de ἔντομα [*éntoma*]”¹² (BENVENISTE, 2016, p. 39, grifos do autor, tradução minha). Novamente, observa-se uma menção ao valor, remetendo ao resultado das relações entre os elementos, à significação. Aqui, parece haver um entendimento de que nem sempre será possível transmitir o sentido exato de uma dada unidade, levando à necessidade de escolhas do que será comunicado e do que deverá ser deixado de lado.

Assim, torna-se impossível afirmar que, do ponto de vista expresso em *La traduction, la langue et l'intelligence*, é somente a designação que tem importância. Embora ela surja com destaque, ela não parece ser inteiramente dissociada da

¹¹ No original: “Ce qu’on traduit est le rapport du signe à la réalité, c’est-à-dire la valeur de désignation”.

¹² No original: “Mais ici le problème est différent : quand on traduit ἔντομα [*éntoma*] par *insecta*, on ne traduit pas le verbe τέμνω [*témnō*] dans toutes ses valeurs, on se contente d’utiliser une équivalence constatée entre τέμνω et *secō* pour créer un signe symétrique de ἔντομα [*éntoma*]”.

significação. Com base nesse contexto, portanto, ainda que exista uma preferência pela consideração da relação da língua com a realidade, ao traduzir não se deve ignorar os vínculos intrassistema e os valores que deles emanam.

O terceiro ponto de vista de Benveniste acerca da tradução é aquele manifestado através do uso da prática tradutória nas análises da língua, especialmente aquelas que colocam as línguas em contraste.

Nelas, observa-se, de certa forma, como mencionado acima, a perspectiva inversa da nota sobre tradução: embora o objetivo principal e final seja a significação, a designação comparece, facilitando o processo de determinação do sentido. Ao mesmo tempo, um exame atento dessas análises linguísticas aponta para a participação da tradução no processo de busca da especificidade semântica por Benveniste.

Um exemplo que deixa essa realidade bastante evidente é apresentado no texto “Dois modelos linguísticos da cidade”, quando Benveniste discorre longamente sobre a tradução da palavra latina “*civis*”:

Traduzir *civis* por “cidadão” [“citoyen”] implica referência a uma “cidade” [“cité”]. Isto é colocar as coisas ao contrário já que em latim *civis* é o termo primário e *civitas*, o derivado. Exige-se, necessariamente, que o termo de base tenha um sentido que permita que o derivado signifique “cidade” [“cité”]. A tradução de *civis* por cidadão [citoyen] revela-se um *hysteron proteron*.

Se não tivéssemos recebido esta tradução como uma evidência, e se estivéssemos, por pouco que fosse, preocupados em verificar como a palavra era definida por aqueles que a empregavam, não teríamos deixado de prestar atenção ao fato, que os dicionários, aliás, registram, embora relegando-o a segunda ou terceira posição, de que *civis*, na língua antiga e ainda na época clássica se constrói frequentemente com um pronome possessivo: *civis meus*, *cives nostri*. Isto bastaria para invalidar a tradução “citoyen” [“cidadão”]: o que poderia realmente significar “mon citoyen” [“meu cidadão”]? A construção com o possessivo desvela, de fato, o verdadeiro sentido de *civis*, que é um termo de valor recíproco e não uma designação objetiva: é *civis*, para mim, aquele de quem eu sou o *civis*. Daí *civis meus*. O termo mais próximo que, em francês, pudesse descrever esta relação seria “concitoyen” [“concidadão”] em função de termo mútuo (BENVENISTE, 2006, p. 279-280, grifos do autor).

É possível notar, então, que a designação é levada em consideração quando se busca analisar um dado linguístico, embora o objetivo maior seja sempre a definição da significação. Posto que, para que tal análise seja possível, muitas vezes Benveniste opta por recorrer à tradução, como fica evidente no exemplo acima, infere-se que, também para efetuar a prática tradutória, esses dois aspectos devem ser levados em conta. Portanto, tradução, significação e designação são consideradas concomitantemente quando se trata do exame de unidades da língua por Benveniste.

Então, observa-se que, também nessa terceira perspectiva sobre tradução, há uma referência ao extralinguístico. Mesmo nas análises linguísticas comparadas, há uma consideração da relação da língua com o mundo. Para entender a língua – e também para traduzir –, é necessário não somente olhar para a língua em si, para as relações entre os elementos linguísticos, mas também dirigir as atenções para o que está além da língua, para os efeitos que ela tem na realidade.

4. Uma perspectiva única acerca do fenômeno tradutório

Na seção anterior, foram apresentados três pontos de vista de Benveniste em relação à tradução: o enunciativo, que prevê que a tradução é feita com base em uma instância de apropriação da língua, estabelecendo uma dada relação com o mundo; o da nota sobre tradução, que define a importância da observação do valor de designação na prática tradutória; e o das análises linguísticas comparadas, que indica a necessidade de levar em conta significação e designação ao traduzir e ao examinar a língua.

É importante notar que as divergências entre essas três abordagens não são necessariamente epistêmicas, mas se devem aos diferentes objetos da reflexão e aos pontos de vista adotados em relação a eles. Em “A forma e o sentido”, Benveniste busca demonstrar os dois domínios da língua e usa a tradução para aclarar a sua proposta teórica; em *La traduction, la langue et l'intelligence*, o escopo da discussão parece ser a natureza da linguagem; nas análises comparadas, o linguista busca investigar detalhadamente unidades linguísticas, buscando o seu significado e evidenciando, por meio disso, a significância da língua.

Ao mesmo tempo, porém, é possível observar que há um elemento em comum nesses três modos de pensar a tradução: a relação entre a linguagem e a realidade extralinguística. Em todos os pontos de vista, há sempre uma referência ao fato de que a língua produz um dado efeito ou diz algo sobre o mundo. Assim, ao abordar a tradução, Benveniste parece enfatizar a necessidade de olhar para a língua em

[...] sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência (BENVENISTE, 2006, p. 229).

Nesse contexto, é imperativo considerar que não existe somente uma língua no mundo; pelo contrário, a diversidade de línguas é um fato que, inclusive, justifica a existência e a necessidade de tradução.

Desse modo, se a língua organiza a vida dos seres humanos e o mundo e se há diversas línguas, é possível entender que cada língua representa uma certa organização da realidade, um certo modo de perceber o mundo, como o próprio Benveniste (1995, p. 76) propõe em “Categorias de pensamento e de categorias de língua: “A língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas nas coisas pelo espírito”.

Thouard (2016, p. 265, tradução minha) expressa o mesmo ponto de vista, afirmando que

[a]s línguas são o local de uma experiência da diversidade do mundo porque são formas de representá-lo e de construí-lo. Vivemos nosso mundo de acordo com a perspectiva que nossa língua favorece. Nosso pensamento se

baseia nas sugestões da língua, nessas divisões que preparam o terreno para a nossa percepção¹³.

A tradução, desse ponto de vista, se torna um meio de evidenciar a diversidade de línguas e, por isso, de modos de pensamento e de percepção do mundo. Traduzir, então, se torna um meio de demonstrar outros modos de enxergar a realidade extralinguística, aproximando, por consequência, línguas, povos e culturas diferentes.

5. Considerações finais

Um entendimento possível da tradução – e bastante comum, especialmente entre aqueles que não a praticam – é que ela consiste em uma atividade de transposição de conteúdos de uma língua para a outra. Essa é uma abordagem que concebe a prática tradutória como algo mecânico, transparente, livre de complexidades.

Há, porém, outra possibilidade: olhar para a tradução como um fenômeno linguístico que remete, também, para o que está além da língua, demonstrando diferentes maneiras de percepção do mundo, de organização da realidade, de presença do homem na sociedade. Trata-se, por conseguinte, não somente de uma atividade interlinguística (já que envolve pelo menos duas línguas diferentes), mas de um fenômeno de linguagem que demonstra a diversidade antropológica, linguística, social e cultural do mundo.

Nesse sentido, tem razão Meschonnic (2010, p. XXI-XXII) quando afirma que “[a] tradução, desde sempre, tem um lugar maior como meio de contato entre culturas”, o que significa que “[...] traduzir é contemporâneo daquilo que movimenta a linguagem e a sociedade, e traduzir se faz acompanhar de seu próprio reconhecimento”. Por isso, a tradução representa “[...] o melhor posto de observação sobre as estratégias de linguagem [...]” (MESCHONNIC, 2010, p. XXII).

Traduzir, desse ponto de vista, se torna um meio de demonstrar a capacidade simbólica dos seres humanos e, conseqüentemente, de melhor compreendê-los. O fenômeno tradutório, desse modo, é um índice da diversidade da natureza humana.

Referências

BARTHES, R. Por que gosto de Benveniste. In: _____. *O rumor da língua*. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 149-152.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. 4a. ed. Campinas: Pontes Editores, 1995. 387 p.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de: Eduardo Guimarães *et al.* 2a. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006. 294 p.

_____. La traduction, la langue et l'intelligence. In: FENOGLIO, I. (org.) *et al. Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 37-44.

¹³ No original: “Les langues sont le lieu d’une expérience de la diversité du monde en ce qu’elles sont des façons de se représenter et de construire celui-ci. Nous vivons notre monde selon la perspective que favorise notre langue. Notre pensée s’appuie sur les suggestions de la langue, sur ses découpages qui préparent le terrain à notre perception.”

DUFOUR, D.R. *Os mistérios da trindade*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. 435 p.

FLORES, V. N. Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação. *Desenredo* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, v. 13, n. 1, p. 9-18, 2017b. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6828>>. Acesso em 07 jul. 2017.

HAINZENREDER, L. S. *O fenômeno tradutório à luz da distinção semiótico/semântico na relação entre línguas*: proposta de uma semiologia da tradução. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

HOFF, S. L. *A nota "La traduction, la langue et l'intelligence": o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste*. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2018.

MESCHONNIC, H. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. 279 p.

NUNES, P. A. O tradutor como função enunciativa: uma análise de autotradução. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia, v. 5, p. 52-73, 2011a.

_____. Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação: notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução. *Tradterm*, São Paulo, v. 18, p. 09-27, 2011b.

_____. *A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa*. 2012. 236 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2012.

ROSÁRIO, H. M. Elementos para uma reflexão sobre tradução a partir da teoria benvenistiana da enunciação. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 63-71, 2012.

ROSÁRIO, H. M.; REUILLARD, P. C. R. Tradução e enunciação: desenvolvimento da competência tradutória. *Entrelinhas*, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 2a. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970. 279 p.

THOUARD, D. *Et toute langue est étrangère*: le projet de Humboldt. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 2016. 333 p.